

TRAJETÓRIA DE ESCOLARIZAÇÃO DE JOVENS NEGRAS NO ENSINO MÉDIO

Gracyelle Silva Costa - PPGedu - UERJ

Este estudo integra a dissertação de mestrado em andamento, cujo objetivo é investigar o processo de escolarização de jovens negras em uma escola (pública) do município de Itaboraí, localizado na região metropolitana do estado do Rio de Janeiro e onde a população negra é representativa. De acordo com os dados IBGE, no censo demográfico referente ao ano de 2010, o município teria aproximadamente 218 mil habitantes, dos quais 63% negros. Outra questão importante é investigar o porquê de as jovens negras conseguirem um “sucesso” diferenciado na educação básica em relação aos jovens negros. Esta pesquisa de mestrado se caracteriza como um trabalho de natureza qualitativa e empírica, visando a proporcionar maior familiaridade e compreensão em relação ao problema apresentado. Utiliza-se a micro-história como um recurso metodológico para auxiliar a identificação das complexidades sociais que estudos mais gerais comumente ignoram. Segundo Alberti, Fernandes e Ferreira (2000), a história oral é uma metodologia de pesquisa ou “metodologia de investigação científica”, que tem como fonte de pesquisa depoimentos gravados e transcritos, estabelecendo diálogos com as várias áreas do campo das ciências humanas que surgem no século XX.

Palavras-Chave: Jovens Negras, Ensino Médio, Identidade, Política Educacional

TRAJETÓRIA DE ESCOLARIZAÇÃO DE JOVENS NEGRAS NO ENSINO MÉDIO

Introdução

Este trabalho se insere nas discussões atuais a respeito da educação da população negra, das desigualdades, das relações de poder que permeiam as docentes e jovens negras no cotidiano escolar e tem como um de seus objetivos pensar sobre a questão da permanência de jovens negras até a conclusão do ensino médio assim como suas perspectivas futuras.

O Laboratório de Análises Econômicas, Históricas, Sociais e Estatísticas das Relações Raciais (Laeser), localizado no Instituto de Economia da Universidade do Rio de Janeiro (IE-UFRJ), publicou uma análise da evolução das “assimetrias” de cor ou raça, no *Relatório anual das desigualdades raciais no Brasil* (2010). Entre 2009 e 2010, ficou comprovado que as condições dos negros em todos os setores sociais ainda são muito inferiores às dos brancos. Em qualquer perspectiva, percebemos que existem diferenças entre esses grupos, seja em relação à renda, saúde, trabalho ou educação.

Segundo a quarta edição de *Retrato das desigualdades de gênero e raça* (INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; FUNDO DE DESENVOLVIMENTO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A MULHER, 2011), as mulheres negras estão em desvantagem em relação às mulheres e homens brancos na escolarização: “No ensino médio, a taxa de distorção idade série atinge 41,0% dos jovens negros, contra 26,9% dos jovens brancos. No entanto, atinge 38,2% das jovens negras, contra 24,1% das jovens brancas” (INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; FUNDO DE DESENVOLVIMENTO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A MULHER, 2011, p. 21).

Em uma recente publicação, *Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil* (MARCONDES et al., 2013), são analisados os contextos de inserção e participações das mulheres negras na sociedade brasileira nos últimos anos. Essa publicação traz relevantes questões sobre as condições de vida e educacionais das mulheres negras brasileiras.

Constata-se que entre o grupo de homens e mulheres brancos, as mulheres estão à frente no processo de escolarização. E quando esses grupos são separados por raça/cor, como, por exemplo, homens e mulheres negros, as mulheres continuam à frente dos homens negros, mas ambos estão em condições desiguais se os compararmos com a população branca. Em um recorte por raça/cor e gênero (feminino), as mulheres negras ficam em disparidade com as brancas. Os indicadores sociais mostram a superioridade educacional das mulheres brancas.

No artigo *Transformações no acesso ao ensino superior brasileiro: algumas implicações para diferentes grupos de cor e sexo*, publicado no *Dossiê* supracitado, Edilza Correia Sotero compreende em sua pesquisa, que “[...] as mulheres concluem em

maior quantidade o ensino médio e, em geral, têm menos empecilhos que os homens para prosseguir os estudos” (SOTERO, 2013, p. 46). A partir desse ponto, pode-se concluir que elas são mais bem-sucedidas em encontrar estratégias para um ingresso mais rápido no ensino superior. As informações adquiridas proporcionaram o desenvolvimento de uma compreensão mais clara de como as disputas que giram em torno das políticas de ação afirmativa referentes à população afrodescendente são crescentes e o quanto visam à ampliação de direitos democráticos.

Estudos apontam diferentes motivos para as disparidades entre o processo de escolarização de meninos e meninas negras. A pesquisa realizada por Brito (2006) traz a implicação de uma “socialização diferenciada” entre meninos e meninas. Segundo Brito (2006, p.129), “meninas teriam menos dificuldades, porque são educadas para o exercício da passividade e obediência às normas”.

Carmen D. Silva e colaboradores (1999) se dedicaram à análise de dados estatísticos de reprovação, em quatro escolas da rede municipal de Pelotas/RS. O grupo pesquisou professores, com o objetivo de analisar o desempenho escolar presente nos discursos dos docentes, e, através de dados estatísticos, o trabalho indicou que o baixo rendimento estava mais concentrado entre os estudantes negros e do sexo masculino. Afirmam que o insucesso escolar ocorre entre meninos e meninas, porque eles não recebem a mesma educação, e as escolas estariam atuando como agências reprodutoras de uma socialização que destinava às meninas o universo da passividade e da obediência irrestritas. Dessa forma, as meninas seriam mais adaptáveis à escola porque levariam de casa formas de comportamentos mais adequadas.

Ainda sobre a questão, a autora Thaís Palomino (2003) nos fala, em sua dissertação de mestrado, que as explicações para o maior número de garotos presentes nos quadros de insucesso escolar estão associadas às posturas que assumem em sala de aula. Os garotos seriam indisciplinados, inquietos e demandariam mais atenção dos professores para aprender. Ao passo que as meninas seriam vistas necessariamente como dóceis, disciplinadas, atentas e maduras e mostram ter um comportamento favorável ao papel do aluno. Por esse motivo, acabam sendo consideradas boas alunas.

A problemática em questão justifica-se por se constituir através de uma pesquisa empírica, composta por observações e registros de narrativas orais da história de vida e escolarização de jovens negras, no município de Itaboraí, no estado do Rio Janeiro (RJ).

Este estudo permitirá dar visibilidade à existência de fatos que jovens negras protagonizam e como, mesmo com as desigualdades, elas conseguem permanecer por mais tempo na escola e ter a sua inserção no nível superior, como demonstram os indicadores sociais.

Este trabalho se legitima também, por apresentar uma imagem que sirva de modelo e orgulho para os jovens negros que estão em condição inferior à das jovens negras. Fundamenta-se nas significativas contribuições desses sujeitos históricos (as jovens negras), que são capazes de protagonizar suas relações cotidianas, assumindo a importância e a construção do seu saber, e propor uma política pública que reduza os índices de desigualdades em relação à juventude negra de sexo feminino e masculino no que diz respeito à escolarização.

Como objetivos específicos, proponho-me a:

- Reconstruir as histórias de vida de jovens negras concluintes do ensino médio, com ênfase em suas trajetórias educacionais, a fim de evidenciar as influências, ou não, de fatores relativos ao gênero e à raça no acesso das jovens à escola;
- Compreender quais foram as estratégias buscadas pelas jovens negras e/ou pelas suas famílias, para que conseguissem manter-se na escola até o ensino médio, assim como as suas perspectivas para o futuro;
- Evidenciar o significado e/ou importância do conhecimento escolar para as famílias das jovens negras e qual tem sido o papel da escola e dos docentes na educação dessas jovens;
- Investigar quais as relações de poder que permeiam o cotidiano das jovens negras, a fim de compreender se a educação delas é voltada para subalternidade/subordinação.

Referencial teórico

Em relação aos conceitos elencados para construir este estudo, postula-se trabalhar com a perspectiva sociológica, ou seja, no âmbito das ciências sociais humanas, com os conceitos: **gênero** (LOURO, 2011; CARVALHO, 2013), **identidade** (HALL, 2009), **identidade negra** (SANTOS, 1983; GOMES, 1995), **raça/cor** (MUNANGA, 2000; SEYFERTH, 2001), **juventude** (NOVAES, 2003; GROppo, 2004).

Em Carvalho (2012), busca-se compreender as relações de gênero. De acordo com a autora, o conceito de gênero está escondido atrás de questões ligadas à sexualidade presente em nossa sociedade. Gênero não é sinônimo de mulheres, e a sexualidade não pode ser entendida fora das relações de gênero. Este trabalho é parte dessa perspectiva de gênero. O mundo das mulheres faz parte do mesmo mundo dos homens, portanto não tem como estudá-lo de forma separada. O gênero é igualmente utilizado para indicar as relações sociais/construções sociais entre os sexos (feminino/masculino).

As **identidades** fazem parte do mundo, elas são formadas por atores/sujeitos que nascem com seu pertencimento à cultura étnica, racial, linguística, religiosa etc. Elas são plurais e formadas por muitas contradições, evidenciando que não existe “identidade permanente”.

Com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo que nos tornamos. Têm a ver com as questões “quem nós somos” ou “de onde nós viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar”, “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma que como podemos nos representar a nós próprios” [...]. Elas surgem da narrativização do eu, mas a natureza necessariamente ficcional desse processo não diminui, de forma alguma, sua eficácia discursiva, material ou política. (HALL, 2009, p.109)

De acordo com Groppo (2004), juventude é definida como uma categoria social que vai além do critério de faixa-etária e das condições biológicas naturais. Juventude vem a ser uma representação social e cultural. É uma situação social que é parte de uma “representação ou criação simbólica”.

Novaes (2003), em suas pesquisas sobre juventude, demonstra que existem variadas formas de vivê-la. O “ser jovem” se diversifica de acordo com a moradia, os espaços que frequenta, o gênero, a raça e a classe social. O conceito de juventude, por ser cultural, é construído historicamente e sofre mudanças no tempo, no espaço e de sociedade para sociedade.

Considerações finais

A proposta é estudar as jovens negras de perto, registrando sua(s) trajetória(s) de escolarização, experiências, pensamentos, opiniões e ações. Para tanto, será escolhida uma escola no município de Itaboraí/RJ: uma escola pública (numa região periférica), para que seja realizada a pesquisa com duas jovens negras. As observações serão feitas no cotidiano da dessa escola, e o trabalho irá verificar a trajetória escolar das jovens; suas relações com os docentes; as relações de poder presentes na escola; como é a vida com a família e as estratégias, ou seja, o que as famílias buscam para que as jovens se mantenham na escola; e pensar em políticas públicas que venham minimizar os índices de evasão da juventude negra (masculina e feminina).

Referências bibliográficas

ALBERTI, V.; FERNANDES, T. M.; FERREIRA, M. M. (Orgs.). *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. Disponível em: <<http://static.scielo.org/scielobooks/2k2mb/pdf/ferreira-9788575412879.pdf>>. Acesso em: 27 ago. 2014.

BRITO, Rosemeire dos Santos. Intrincada trama de masculinidades e feminilidades: fracasso escolar e meninos. *Cadernos de Pesquisas*, [S.l.], v. 36, n.127, p. 129-149, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v36n127/a0636127.pdf>>. Acesso em: 27 ago. 2014.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. *Dois décadas de desigualdade e pobreza no Brasil medidas pela Pnad/IBEG*, n. 159, 2013. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=20005>. Acesso em: 27 ago. 2014.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; FUNDO DE DESENVOLVIMENTO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A MULHER *Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça*. 4.ed. Brasília: Ipea, 2011.

LEVI, Giovane. Sobre micro-história. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992. p. 136-137.

MARCONDES, Mariana et al. (Orgs.). *Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres no Brasil*. Brasília: Ipea, 2013.

PALOMINO, Thaís Juliana. *Meninos e meninas em escola de periferia urbana*. São Carlos, 2003. , Dissertação (Mestrado em Educação – Ufscar. São Carlos, 2003.

SOTERO, Edilza Correia. Transformações no Acesso ao Ensino Superior Brasileiro: Algumas Implicações para diferentes grupos de cor e sexo. In: MARCONDES, Mariana et al. (Orgs.). *Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres no Brasil*. Brasília: Ipea, 2013. p.35.

SILVA, Carmem et al. Meninas bem-comportadas, boas alunas; meninos inteligentes, indisciplinados. *Cadernos de Pesquisa*, n. 107, p. 207-227,1999.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Instituto de Economia. Laboratório de Análises Econômicas, Históricas, Sociais e Estatística das Relações Raciais. *Relatório anual das desigualdades raciais no Brasil 2009-2010*. Rio de Janeiro: Laeser, 2010.